

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECOMIA E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO  
CURSO DE BIBLIOTECOMIA

Lilian Deuner 207699-5



PORTO Alegre  
2004

Lilian Deuner      207699-5

# **LEITURA E COTIDIANO**

OS CAMINHOS MENTAIS E A INFLUÊNCIA DA LEITURA NO COTIDIANO E NA  
VISÃO DE MUNDO ENTRE ADOLESCENTES

Monografia de conclusão de curso apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia, sob a orientação da Profa. Ana Maria Dalla Zen, do curso de Biblioteconomia, Departamento de Ciências da Informação, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, dezembro de 2004

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

Reitora: Prof. Dr. José Carlos Ferraz Henemann  
Vice-Reitor: Prof. Dr. Pedro Cezar Dutra Fonseca

**FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO**

Diretora: Profa. Dra. Márcia B. Machado  
Vice-Diretor: Prof. Ricardo S. Da Silva

**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO**

Chefe: Prof. Dr. Valdir José Morigi  
Chefe-Substituta: Profa. Itália Maria Falceta da Silveira

L485I  
2004

DEUNER, Lilian

Leitura e cotidiano : caminhos mentais e a influência da leitura no cotidiano e na visão de mundo entre adolescentes / Lilian Deuner. – Porto Alegre : UFRGS, 2004. – 60 f. ; 29 x 21 cm.  
Monografia (graduação) – UFRGS, 2004

1 Gosto pela leitura. 2. Psicogênese do Conhecimento  
3. Adolescência I. Título II. Autor

CDU 028:374.7

Departamento de Ciências da Informação

Rua: Ramiro Barcelos, 2705

CEP: 90035-007

Tel: (51) 3316-5146

Fax:(51) 3316-5435

E-mail: fabico@ufrgs.br

## PARECER DA BANCA EXAMINADORA

A monografia intitulada "*Leitura e cotidiano: os caminhos mentais e a influência da leitura no cotidiano e na visão de mundo entre adolescentes*" foi apresentada por Lilian Deuner. Este trabalho foi apresentado no dia 15 de dezembro de 2004, tendo sido aprovada com conceito final \_\_\_\_\_

Porto Alegre, 15 de dezembro de 2004.

Profa. Dra. Ana Maria Dalla Zen

Orientadora

Dra. Patrícia Gomes Kirst

Profa. Itália Maria Falceta da Silveira

## **AGRADECIMENTOS**

A minha orientadora, Ana Maria Dalla Zen, por me permitir usufruir de sua experiência, orientando este trabalho com maestria.

Ao meu pai, que primeiro acendeu em mim o gosto pelos livros, mesmo que às custas da integridade de suas enciclopédias.

Aos amigos que amo, por tudo, em todos os momentos.

*Conta a lenda que Simônides foi convidado pelo rei de Céos a fazer um poema em sua homenagem. O poeta dividiu o poema em duas partes: na primeira, louvava o rei e, na segunda, os deuses Castor e Polux. O rei ofereceu um banquete no qual Simônides leu o poema e pediu o pagamento. Como resposta, o rei lhe disse que, como o poema também estava dedicado aos deuses, ele pagaria metade e que Simônides fosse pedir a outra metade a Castor e Polux.*

*Pouco depois, um mensageiro aproximou-se de Simônides dizendo-lhe que dois jovens o procuravam do lado de fora do palácio. Simônides saiu para encontrá-los, mas não encontrou ninguém. Enquanto estava no jardim, o palácio desabou e todos morreram. Castor e Polux, os dois jovens que fizeram Simônides sair do palácio, salvando o poeta, pagaram o poema. As famílias dos demais convidados desesperaram-se porque não conseguiam reconhecer seus mortos. Simônides, porém, lembrava dos lugares e das roupas de cada um e pôde ajudar na identificação dos mortos.*

Palácios da memória  
Lenda romana

## RESUMO

Estudo realizado com o objetivo de identificar a importância do hábito de leitura entre adolescentes. A metodologia da pesquisa, de caráter qualitativo, baseou-se numa revisão da literatura na área da psicogênese do conhecimento, a fim de identificar os esquemas e estruturas da memória humana que regem o aprendizado daquilo que se lê, bem como na coleta de depoimentos via e-mail com adolescentes para diagnosticar, na prática, como se constitui o fenômeno da leitura entre eles. Os resultados são apresentados na forma de análise textual comparada com as referências teóricas abordadas. A base teórica ressalta o significado da leitura para o sujeito, o grau de importância que ele dá a essas leituras e as maneiras pelas quais essas leituras influenciam a vida cotidiana do sujeito. Interpreta o significado da leitura como lazer e entretenimento. Diagnostica com se dá o despertar do gosto pela leitura e comenta alguns aspectos singulares de leitores adolescentes. Conclui que os leitores adolescentes têm consciência de que a leitura lhes permite uma visão mais ampla do mundo e maior facilidade para enfrentarem problemas próprios de sua idade.

**Palavras-chave:** Gosto pela leitura. Psicogênese da Leitura. Leitura e Adolescência.

## ABSTRACT

Study carried through with the objective to identify the importance of the habit of reading between adolescents. The methodology of the research, qualitative character, was based on a revision of literature in the area of psicogenesis of the knowledge, in order to identify the projects and structures of the memory human being that conduct the learning of that if it reads, as well as in the collection of depositions saw e-mail with adolescents to diagnosis, in the practical one, as the phenomenon of the reading between they consists. The results are presented in the form of compared literal analysis with the boarded theoretical references. The theoretical base standes out the meaning of the reading for the person, the importance degree that it gives to these readings and the ways for which these readings influence the daily life of the person. It interprets the meaning of the reading as leisure and entertainment. It diagnosiss with if it gives the wakening of the taste for the reading and comments some singular aspects of adolescent readers. He concludes that the adolescent readers have conscience of that the reading allows to a ampler vision of the world and greater them easiness to face proper problems of its age.

**Keywords:** Reading Taste. Psicogenesis of the Reading. Reading and Adolescence.



## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO _____	10
2 A PSICOGÊNESE DA LEITURA E ADOLESCÊNCIA: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS _____	15
2.1 Princípios e Conceitos da Psicologia Cognitiva Aplicáveis ao Fenômeno da Leitura _____	16
2.2 O papel das emoções e da linguagem na constituição do sujeito _____	23
2.3 A leitura como fenômeno de formação pessoal _____	26
2.4 O adolescente como leitor: ações e contradições _____	36
3 ANÁLISE DOS DEPOIMENTOS: OS ADOLESCENTES FALAM POR SI _____	42
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS _____	53
REFERÊNCIAS _____	57
APÊNDICE – Roteiro dos Depoimentos _____	59

## 1 INTRODUÇÃO

Livros existem desde que o homem inventou a escrita. E leitores existem desde que os livros existem. Quanto mais a humanidade evolui, mais ela reconhece o poder da escrita. O poder de influência dos livros sobre a humanidade pode ser facilmente evidenciado nas diferentes maneiras como os homens, através dos tempos, se relacionam com eles. Livros foram (e muitos ainda são) considerados sagrados. Há outros que foram (ou ainda o são) considerados malditos, corruptores, diabólicos, maliciosos, transgressores da moral. Alguns deles foram tão bem escondidos que valeram a própria vida do seu autor, dono ou leitor. Outros foram queimados em praça pública e com eles os seus autores.

A história da humanidade está cheia de relatos mirabolantes sobre leitores e o que eles fazem para saciar seu desejo/impulso/necessidade/paixão pelos livros. O leitor voraz muitas vezes é visto como um ser alienado (ou alienígena) que vive num mundo paralelo à realidade. Seja quando está cercado de volumes e mais volumes de livros, seja quando está imóvel num canto, olhando para o vazio projetando, remoendo, analisando, lembrando, se emocionando com as histórias lidas.

Apenas um verdadeiro leitor pode entender outro. Geralmente os leitores se compreendem e conseguem trocar idéias e informações com muita facilidade, pois fazem parte de um mesmo contexto. Talvez nem tenham feito as mesmas leituras, mas usufruem o mesmo espírito, a mesma empolgação, numa coesão tão forte que acabam os leitores do mundo inteiro, formando uma espécie de confraria invisível.

Para um não leitor entender o universo de um leitor, o único caminho a ser seguido é aquele entrar no mundo deste. O sentido inverso desse caminho, ou seja, de um leitor tornar-se um não leitor, é praticamente impossível.

Ler é quase uma vaidade. Ou um vício. A razão final da leitura é satisfazer o leitor. Leitores estão sempre buscando outros e melhores livros. A leitura seria vaidade se acabasse junto com a saciedade do leitor. Mas as transformações que essa leitura produz no leitor, ou seja, as conseqüências dessa leitura geram crescimento, transformação, evolução. Esses frutos individuais, por sua vez, acabam por atingir todo o ambiente à volta desse leitor. Meio e indivíduo estão em permanente interação, onde um influencia o outro.

O ser humano nunca sabe o bastante. Está sempre partindo em busca de novas respostas e de sinalização para novos rumos.

A fase da adolescência é o momento em que a pessoa começa a se firmar como um ser único e singular e, para isso, procura diferentes e divergentes formas de apoio que lhe permitam sair da infância e se tornar adulto. Esse é sem dúvida um momento fundamental na trajetória de cada indivíduo, em que se formam tanto vícios, quanto hábitos que, em sua maioria, o acompanharão por toda a vida. Nessa fase, o sujeito começa a sofrer algumas mudanças em sua maneira de processar informações. Deixa aos poucos de perceber o mundo através da ótica infantil para vê-lo de um novo lugar, ainda não bem definido, mas com certeza mais crítico, de onde começa a fazer deduções e tirar conclusões próprias sobre o sentido da vida.

Esse processo de crescimento intelectual não é fácil. Surgem a cada momento inúmeras dúvidas e incertezas, quando novos caminhos se abrem, alguns deles, perigosos. Tais dificuldades angustiam o adolescente, fazendo-o procurar apoio de várias formas. Às vezes nos amigos. Outras nos pais. Ou na mídia. Ou nas

drogas. Nesse sentido, a leitura pode ser considerada uma ferramenta para que ele consiga perceber que não está sozinho. Que pessoas, muito antes dele existir, já passaram por algumas de suas vivências. Que algumas perguntas têm sempre a mesma resposta. E que outras têm uma infinidade de respostas diferentes, às vezes contraditórias.

Algumas leituras que o sujeito faz nessa época de sua vida poderão ser descartadas ou esquecidas. Com o tempo, talvez elas passem a não lhe dizer mais nada. Outras não conseguem mostrar aquilo que ele precisa no momento. Todavia outras, as mais significativas, ficam gravadas em sua memória. Convertem-se em marcos, transformam-se em pequenas revoluções mentais. Mudam conceitos, alargam fronteiras. Geram sentimentos fortes. Ou fazem pensar em coisas que nunca tinham lhe chamado a atenção. Tais leituras acabam fazendo parte de sua trajetória pessoal e o acompanham por toda a vida. Em vários momentos e diferentes situações, elas retornam e dão a sua contribuição, muitas vezes sendo responsáveis pela mudança de seus rumos.

Em decorrência, este trabalho foi realizado a fim de diagnosticar como se processou a trajetória de alguns adolescentes que se converteram em leitores.

A epígrafe deste trabalho conta a lenda do poeta grego Simônides, e de como ele conseguiu identificar os corpos dos convidados dentro de um palácio que desabara, valendo-se de sua memória e das posições ocupadas por cada convidado à mesa do banquete. A lenda do palácio da memória permeia toda a teoria sobre a psicogênese do conhecimento. E pode-se notar sua presença nos depoimentos dos adolescentes sobre suas experiências de leitura.

Este trabalho valeu-se também das teorias da psicologia cognitiva de Eysenck e Keane e da teoria das interações recorrentes de Maturana. A todo o momento a

pesquisa estabeleceu conexões e confrontos entre a teoria e a prática, a partir da realização de depoimentos com adolescentes que aceitaram dela participar. De acordo com as características de uma pesquisa de cunho qualitativo, centrou-se na análise dos significados da leitura para cada um dos sujeitos, tendo sido assim ouvidos cinco adolescentes, na faixa etária situada entre os 12 e 19 anos, de sexo masculino e feminino considerados leitores, abrangendo assim todo o período da adolescência. Para orientar a investigação, foi enviado via e-mail um roteiro com cinco perguntas abertas, que, sem o caráter de um instrumento formal, serviu apenas como referência para orientar a contação da história particular de leitura de cada um. Os sujeitos tiveram liberdade para seguir o roteiro ou não, de acordo com o interesse e a trajetória pessoal de cada um.

Desse modo, este trabalho apresentará a seguir os resultados da pesquisa. Num primeiro momento apresenta um levantamento teórico sobre a psicogênese da leitura e da adolescência, abordando aspectos da psicologia cognitiva e da teoria de Maturana, e as aplica à psicogênese da leitura e como ela se dá nos adolescentes. Após, analisa os depoimentos dos adolescentes, à luz das teorias abordadas no capítulo anterior. Por fim, o trabalho apresenta as conclusões decorrentes da análise dos depoimentos, baseada na bibliografia pesquisada.

Acredita-se que, com a pesquisa realizada, se esteja contribuindo para desvendar um pouco mais a truncada trama em que se situa o fenômeno da leitura na vida dos adolescentes. Diversos estudos já foram feitos para entender um dos paradoxos do mundo contemporâneo: numa sociedade onde cada vez mais as pessoas valorizam a informação, tantas pessoas não tenham o hábito de abrir um livro, e encontrar na leitura as respostas e caminhos que procuram.

Talvez fosse mais fácil que este trabalho tivesse enveredado por essa via. Mas, assim como alguns estudos são importantes ao abordarem os motivos e os porquês as pessoas não lêem, é essencial que se pesquise o contrário. Ou seja, por que algumas pessoas lêem tanto?

Ao se compreender como se dá a constituição de leitores-adolescentes, pode-se encontrar referências que sirvam de guia para os adolescentes não-leitores. Ou, mais ainda como, já na infância, solo fértil, podem ser lançadas as sementes que germinarão novos adolescentes-leitores.

Eis assim justificado, objetivado e problematizado este trabalho.

## **2 A PSICOGÊNESE DA LEITURA E ADOLESCÊNCIA: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS**

A leitura é, nos nossos dias, estudada por educadores, lingüistas, bibliotecários, ou seja, por profissionais das áreas nas quais a leitura é tema fundamental. Mas a tendência interdisciplinar da ciência faz com que outras áreas também venham a se interessar pelo estudo da leitura e oferecer, numa justa interação, o compartilhamento de seus conhecimentos com essas outras áreas. Desse modo, também a psicologia cognitiva vem ao encontro desse estudo, oferecendo seus conhecimentos sobre o aprendizado, os caminhos mentais e a memória humana.

Nesse capítulo são abordadas as referências teóricas sobre os princípios e conceitos utilizados pela psicologia cognitiva aplicáveis à leitura. Além disso, aborda conceitos específicos sobre a leitura e alguns aspectos que caracterizam os indivíduos denominados leitores. Faz também um breve apanhado teórico sobre o papel das emoções na constituição do sujeito, pela perspectiva do teórico Maturana. Por fim, aborda a fase da adolescência, e como esses sujeitos em especial se relacionam com a leitura.

## 2.1 Princípios e Conceitos da Psicologia Cognitiva Aplicáveis ao Fenômeno da Leitura

A mente humana sempre foi muito estudada e até hoje pouco compreendida. A psicologia cognitiva surgiu para dar um novo rumo a estes estudos. Ela estuda a mente humana no intuito de entender processos, como percepção, aprendizado, memória, linguagem, formação de conceitos, resolução de problemas e pensamentos. Assim como todas as ciências, a psicologia cognitiva trabalha apoiada em alguns paradigmas, ou como são chamados especificamente na psicologia cognitiva, arcabouços. Arcabouços são maneira de se abordar determinados assuntos. O mais importante que se deve saber sobre os arcabouços é que eles não devem ser considerados corretos ou incorretos, mas úteis ou inúteis para aplicar a determinadas teorias.

O arcabouço mais aceito entre os cientistas da psicologia cognitiva para organizar a teoria dos processos mentais, é a Teoria Computacional de Marr. Este arcabouço compara os processos mentais humanos a organização de sistemas computacionais. Pode-se dizer que a mente é tratada como um computador, onde há *inputs*, *outputs*, *hardware* e *softwares*. Conforme Eysenck e Keane (1994, p. 34):

No caso da percepção visual, por exemplo, o objetivo é transformar o *input*, que se apresenta sob a forma de um padrão de luz produzido pelo meio ambiente externo, em *output*, sob a forma de informação sobre os objetos do meio ambiente que possam então ser utilizados para planejar uma ação.



Pode-se perceber neste trecho que Marr compara instrumentos de entrada de dados de um computador com os canais de percepção humana, que não são apenas visuais, conforme o exemplo que o próprio autor dá, mas são todos os cinco sentidos: visão, tato, paladar, olfato e audição. Alguns canais de percepção humana, além de servirem como canais de entrada, são também canais de comunicação, de saída, ou seja, os *outputs*. Podemos dizer, por exemplo, que a visão também é um meio de comunicação, pois muitas vezes não precisamos fazer uso da fala para nos comunicarmos com outro sujeito, bastando a troca de olhares para que o emissário envie e que o destinatário receba uma mensagem.

Marr também compara o cérebro com o *hardware* que armazena fisicamente os processos mentais do homem. E estes processos são os algoritmos, ou seja, a maneira pela qual se representam os *inputs*. Sobre estes dois fatores Eisenck e Keane (1994, p. 34) dizem:

O nível intermediário ou *nível algorítmico* especifica a natureza exata da computação. Neste nível, devem ser indicadas as representações que se está usando e os passos detalhados do processamento que ocorre entre o *input* e o *output* (...). o último nível, o nível de *hardware*, é o cérebro. O cérebro impõe limitações óbvias aos tipos de representações e algoritmos que realmente podem ser utilizados.

É nesse ponto que nossos processos mentais são analisados. Nossos *inputs* são transformados em dados que, dependendo de alguns fatores, serão incorporados ao nosso conhecimento.

Mas por que um sujeito consegue recordar algo que leu há muitos anos atrás e não pode fazer o mesmo com algumas leituras bem recentes?

Isso se deve à maneira como organizamos nosso conhecimento. Existe uma teoria estudada pela psicologia cognitiva que afirma que nossos conhecimentos são organizados por esquemas. Tais esquemas são “[ . . ] pedaços bem-integrados de conhecimento acerca do mundo, de eventos, de pessoas e de ações” (Eysenk e

Keane, 1994, p. 287). Temos ainda alguns tipos específicos de esquemas, que são os roteiros e os quadros. Roteiros são conhecimentos pré-determinados sobre eventos ou uma seqüência de eventos. Quadros são os conhecimentos que temos sobre as propriedades dos objetos e sobre localizações de objetos e pessoas no espaço. Estes esquemas são montados de acordo com nossas vivências, desde que nascemos. Por exemplo, uma criança pode observar um cavalo e perguntar porque ele não voa, se ela ainda não tiver a noção de que só animais dotados de asas, ou seja, aves, voam. Conforme ela for crescendo, ela irá complementando e transformando seus esquemas com novas informações, e tornando-o mais complexo. Poderá saber inclusive que a avestruz é uma ave, tem asas, mas não voa. Assim, ler e aprender é fechar algumas fendas que temos em nossos esquemas mentais.

Quando lemos algo, o que vai determinar como vamos lembrar disso posteriormente, é como vamos acomodar estas informações em nossos esquemas mentais. Para isso acontecer, todas as informações que entram em nossa mente, através de todos nossos sentidos, passam antes pelos armazenadores de memória. Esses armazenadores servem para filtrar e distribuir as informações que recebemos. Em um primeiro nível, há armazenadores de capacidade limitada, que retêm a informação por um curto período de tempo. Usamos estes armazenadores quando queremos lembrar de um número de telefone que acabamos de ler, para digita-lo no teclado do aparelho. Os armazenadores de longo prazo têm uma capacidade muito maior, talvez ilimitada de armazenamento de informações. É aí que podemos encontrar o conhecimento organizado em esquemas. Para que uma informação passe a fazer parte de nossa memória de longo prazo, é preciso um nível de processamento muito mais profundo do que a memória de curto prazo nos permite.

A este conhecimento os pesquisadores chamam *conhecimento processual*. A informação inicialmente é processada, sendo armazenada sob uma forma facilmente acessível para ser utilizada mais tarde, e então, por fim, recuperada quando for exigida.

Quanto mais analisarmos uma informação, quanto mais elaborado for o processamento dela, mais ela estará presente na memória de longo prazo. Eisenk e Keane (1994, p. 134) expõem algumas suposições importantes feitas neste sentido:

- “o nível ou profundidade de processamento que um estímulo sofre terá um grande efeito sobre a sua capacidade de ser memorizado;
- níveis mais profundos de análise produzem traços de memória mais elaborados, de maior duração e mais fortes do que os níveis mais superficiais de análise”.

Podemos dizer, então, que quanto mais uma leitura nos interessa, maior será a profundidade e a quantidade da análise que faremos sobre ela, e maior será o sentido ou importância que daremos àquilo que lemos. Assim, mais presente e forte ela estará em nossa memória de longo prazo, e mais sentido terá em nossos esquemas mentais.

Mas nem tudo o que lemos está realmente escrito. Temos uma tendência a completarmos nossas leituras com proposições pessoais. Chamamos a isso de *inferências*. Inferências são suposições que fazemos para completar nossa compreensão, ou quando um texto não diz tudo o que precisamos. Na verdade, como dizem Eisenck e Keane (1994, p. 286) “é tão natural fazer inferências para facilitar a compreensão que nós nunca estamos cientes que as estamos fazendo”, ou seja, sempre que lemos algo, esta leitura é interpretada, associada ou complementada por conhecimentos que já temos.

A psicologia cognitiva tenta também entender e explicar os fenômenos do pensamento, mas a maioria dos pesquisadores segmenta este fenômeno para

estudar isoladamente cada pedaço. Isto gera uma visão um tanto pobre e descontextualizada, perdendo-se a visão holística do fenômeno. O mesmo acontece com a influência da emoção sobre a cognição. Emoções geralmente têm sido definidas pela psicologia cognitiva tradicional como sensações breves, mas intensas. Esta definição é bastante limitante para se entender a relação entre cognição e emoção.

Para exemplificar a influência da emoção sobre a cognição, pesquisas em laboratório mostraram que os estados de humor de um indivíduo têm influência direta sobre o pensamento e o recordar. Estas experiências apresentam algumas desvantagens, pois muitas vezes o estado de humor é induzido e manipulado, o que compromete a veracidade dos resultados. Mas elas são úteis para demonstrar que o indivíduo é um sistema complexo e integrado, onde todas as dimensões agem umas sobre as outras, o que nos encaminha a novas abordagens sobre o assunto, como a autopoiese e a biologia do conhecimento.

O pesquisador chileno Humberto Maturana formulou a teoria da *autopoiese*, ou teoria da autoprodução. Com esta teoria, Maturana explica basicamente como funciona um sistema vivo. Ele explica que um sistema é composto de *estrutura e organização*.

A *estrutura* é constituída pelos componentes do sistema, como matéria e energia, e as relações que eles mantêm. Esta estrutura não é acabada, ela está constantemente interagindo com o meio e se transformando, ao mesmo tempo em que transforma o meio. A este processo, Maturana chama de *interação recorrente*. Moraes (2003, p. 87), diz que “[. . .] as interações seriam perturbações que promovem mudanças de estados, implicando em contínuas transformações energéticas e materiais para conservação da organização”. Essas interações não se

dão de maneira aleatória. Ao contrário, elas procuram no meio relações que sejam importantes ou necessárias para fazer as modificações desejadas na estrutura e manter a organização. Prosseguindo, o autor ressalta ainda que “[. . . ] cada organismo especifica que tipo de interação ele admite através da rede de seus componentes constitutivos”. Portanto, as mudanças que ocorrem em um indivíduo partem de sua própria vontade, indo ele buscar no meio as interações necessárias para tal mudança.

A *organização*, segundo Maturana, é o conjunto de relações entre os componentes da estrutura que caracteriza o sistema como integrante de uma classe, como a classe dos seres humanos ou das flores, por exemplo. Essa organização é, portanto, o que rege nossa condição de seres únicos, e o que diferencia o ser humano dos outros sistemas vivos.

A psicologia cognitiva tradicional nos diz que dependemos de nossos esquemas mentais para assimilarmos a realidade à nossa volta. A diferença entre esta ciência e a teoria de Maturana é que a psicologia cognitiva observa o indivíduo de maneira isolada, enquanto Maturana afirma que o indivíduo deve ser estudado dentro de seu contexto, onde constantemente ele está interagindo com o meio. Ao especificar ainda mais o pensamento de Maturana, Moraes (2003, p. 99) diz que “[. . .] é importante conhecer a seqüência histórica das interações recursivas para saber se o sistema vivo se adaptou ou se alguém realmente aprendeu”. Desse modo, analisando-se o indivíduo de maneira integrada ao seu meio, teremos uma visão mais completa do mesmo do que se o analisarmos isoladamente.

Mas como escolhemos nossas interações? Nós não interagimos com tudo o que nos cerca. O que rege nossas interações são nossas emoções. Conforme Maturana, sem as emoções não haveria interações recorrentes. Apenas encontros

casuais e separações. Ele define emoções como sendo “[ . . . ] disposições corporais que especificam a cada instante o domínio de ações em que se encontra um animal (humano ou não)” (MATURANA, 1999, p. 170). Diz ainda que o emocionar é “[ . . . ] o fluir de um domínio de ações a outro”.

Esta nova abordagem do ser humano enfatiza sua interação com o meio. Ao invés de tratar o indivíduo (e, portanto, a psicogênese do conhecimento) dentro de si mesmo, ela mostra que todas as suas emoções são reações e trocas com outros indivíduos, sejam eles indivíduos de sua espécie ou não. Desse modo, o que caracteriza a humanidade é exatamente a possibilidade de conexão entre o eu e o outro. O conhecimento, portanto, depende do mesmo modo de fatores externos e individuais, quanto dos processos comunicacionais que o sujeito estabelece entre si e os grupos sociais de que faz parte.

Por fim, podemos dizer que a psicologia cognitiva, numa perspectiva tradicional, nos apresenta os métodos de assimilação, dos quais fazemos uso para guardar o que lemos e absorvemos do mundo externo, e que são instrumentos ou estratégias de aprendizado. A seleção do que vamos memorizar, aprender, depende do quanto aquilo é importante para o sujeito. E, através da contribuição de Maturana, podemos concluir que essa importância é agregada conforme nossas emoções o ditam, aliada à nossa maneira de nos relacionarmos com o nosso exterior, que é realizada através da linguagem.

## 2.2 O papel das emoções e da linguagem na constituição do sujeito

As primeiras lições que o sujeito tem quando é alfabetizado são voltadas à decodificação de sinais e símbolos. Na prática, esta pode ser considerada uma tarefa mecânica, pois a leitura de códigos, que formam palavras e frases, é um ato que exige esta habilidade. As regras gramaticais são a ferramenta que nos permite decodificar os símbolos e ler, no sentido estrito da palavra, tudo o que nos cerca. Maturana (1999, p. 58), diz que “[ . . . ] o símbolo é um apontar em algum domínio de objetos concretos ou abstratos”. Por isso, apenas saber ler não é o suficiente. Saber ler é apenas a ferramenta que nos ajuda a chegar ao domínio dos objetos. Precisamos dar sentido àquilo que lemos, ter com a leitura uma interação. Ele enfatiza que “[ . . . ] toda interação implica num encontro estrutural entre os que interagem, e todo encontro estrutural resulta num desencadeamento ou num desencadeamento de mudanças estruturais entre os participantes do encontro” (Op. Cit, p. 59). E essas interações recorrentes, ou seja, o processo de estímulos e respostas é que caracteriza a linguagem.

Dessa linguagem fazem parte muitos elementos, como gestos, posturas corporais, sons e entonação de voz. Linguagem não é apenas aquilo que se quer comunicar, mas também a maneira como se faz isso, e como as partes que se comunicam recebem e interpretam aquilo que se está comunicando.

O exercício da leitura, como não poderia deixar de ser, é também uma forma de linguagem. Interagimos com as idéias, com o conteúdo, e também com a forma física onde está exposto o que estamos lendo. O que lemos nos transforma, em maior ou menor grau, conforme nossas emoções desejam. E transformamos aquilo que lemos, sob a influência de todas as nossas experiências anteriores.

Um leitor que sente satisfação no hábito da leitura é aquele que vê além das palavras, para ver o contexto, o sentido. Bettelheim e Zelan (1992, p. 49) explicam como uma criança se entusiasma e adquire o hábito da leitura:

O que se precisa para que uma criança fique ávida por aprender a ler não é o conhecimento sobre a utilidade prática da leitura, mas uma viva fé de que, sendo capaz de ler, se lhe abrirá um mundo de experiências maravilhosas, permitindo-lhe se livrar da sua ignorância, compreender o mundo e tornar-se senhora do seu próprio destino. Pois é a fé que mobiliza a nossa imaginação e nos dá força para empreender as tarefas mais difíceis, embora no momento não compreendamos bem como, por exemplo, a leitura nos vá fornecer todas estas maravilhosas oportunidades.

Portanto a visão que o sujeito tem sobre a utilidade da leitura é que faz a diferença entre um leitor entusiasmado e um não-leitor, pois mesmo que a leitura apresente alguns obstáculos e implique em alguns sacrifícios, o leitor está envolvido com aquele conhecimento. O mesmo princípio que rege as interações químicas de nosso corpo, como a célula que procura determinadas enzimas, rege também todas as outras áreas da nossa vida, como a espiritual, a mental e a biológica.

Procuramos aquilo que consideramos necessário ou desejável para a manutenção de nossa organização, e para a transformação de nossa estrutura. Não é o que está fora do indivíduo que determina a interação, e sim a vontade do mesmo. Segundo Moraes (2003, p. 90-91) “[ . . . ] muda-se porque interiormente se quer mudar, porque algo nos diz que vale a pena mudar [ . . . ] a mudança estrutural que ocorre no organismo é determinada pela estrutura do organismo [ . . . ]”.

Assim, podemos dizer que todas nossas vivências sejam elas interações com outras pessoas ou seres vivos, ou com aquilo que lemos, são permeadas pelas nossas emoções. Desse modo, a nossa vontade, comandada por nossas necessidades ou desejos de interagir com o outro, provoca, através da criação do gosto pela leitura, um benefício ou mudança que nos beneficia no sentido de uma



maior vinculação com as nossas pessoas e o nosso meio. As emoções, portanto, agregadas à estrutura mental do sujeito, é que constituem a linguagem, o vínculo, entre aquele que lê e aquilo que é lido. Quanto maiores forem as emoções provocadas pela leitura, maiores serão os estímulos cognitivos internos dela decorrentes.

### 2.3 A leitura como fenômeno de formação pessoal

Na literatura que trata sobre a teoria da leitura, sobretudo em fontes mais antigas, encontra-se muitas vezes a expressão *hábito de leitura* (SANDRONI e MACHADO, 1987; BAMBERGER, 1987). A expressão *hábito* é definida no Dicionário Houaiss (2001) como “[. . .] costume, regra, modo[. . .]; ação ou uso repetido que leva a um conhecimento ou prática [. . .]”. Ela pode soar estranha, se for tomado ao pé da letra o significado da palavra *hábito* que, na maioria dos casos, descreve uma ação praticada rotineiramente, ou ações aprendidas e repetidas por necessidade, sem reflexão. Ao longo do tempo, a expressão *hábito de leitura* foi substituída pelo uso da expressão *gosto pela leitura* (SOUZA, 1998), que traduz melhor o que a leitura significa para o leitor.

Mas hábito pode ser também algo que se faz com prazer. Mesmo que o ato se repita várias e várias vezes, pode-se gostar cada vez mais, e até ansiar-se pela repetição do mesmo. Hábito não precisa ser uma ação obrigatória, imposta por alguém ou por uma circunstância. Prazeres podem ser formados ou transformados em hábitos, não para que eles se transformem em atos mecânicos, mas como uma forma de preservar um prazer sempre vivo. Como colegas de trabalho, que costumam se reunir com uma freqüência quase obsessiva num determinado dia da semana para jogarem futebol juntos. Ou como uma pessoa que percorre com calma, diariamente, o mesmo trajeto do trabalho para casa, ou de casa para a escola. Para alguns esta rotina poderá ser entediante, enquanto outros a cultivam pelo prazer de se observar como um mesmo trajeto pode trazer surpresas e detalhes novos cada vez que ele é novamente percorrido.

Assim como trajetos são percorridos por um hábito quase metódico, os olhos percorrem páginas, da esquerda para direita, de cima para baixo, acompanhando letras, palavras e linhas. Para quem considera a leitura um hábito, na forma pejorativa do termo, a leitura se resume neste exercício ocular, que vem quase sempre acompanhado de desconforto físico, devido a posições estáticas mantidas durante longos períodos de tempo.

Mas a leitura cultivada por pessoas que sentem prazer, satisfação, emoção neste ato, não é um exercício que se sujeita apenas a seguir linhas no papel, mas a seguir linhas de raciocínio, linhas de tempo, linhas de espaço, infinitas linhas. Um escritor sentado a uma mesa, no século XV escreve suas histórias e se comunica diretamente com qualquer pessoa do futuro. A pessoa que o lê, está ligada à outra extremidade da linha e, dependendo do interesse (emoção) do leitor em relação à obra do escritor, esse vínculo pode ser estreitado de tal forma que o tempo e o espaço parecerão desaparecer. Pelo menos nos momentos em que eles estiverem se dedicando aos seus respectivos prazeres, o tempo parecerá ausente, não exercendo qualquer tipo de influência sobre as suas vidas.

A leitura através dos tempos, e em diferentes pontos do mundo tem uma história similar. A história da leitura é, na verdade, a história particular de cada indivíduo leitor, pois cada indivíduo faz uma leitura muito particular de uma mesma obra. Essa leitura é regida pela sua história de interações recorrentes que, como já foi dito anteriormente, é única de cada sujeito. Desse modo, as leituras que o sujeito faz virão a modificar e complementar seus esquemas mentais. Do mesmo modo, a lenda dos Palácios da Memória trata sobre essas interações e a forma como elas são armazenadas na memória do sujeito.

Santo Agostinho (1987, p. 176) faz uso da lenda dos Palácios da Memória em suas famosas Confissões. Professor de retórica antes de se dedicar à teologia, Santo Agostinho conhecia bem essa lenda. Ele descreve em seu livro o maravilhoso mundo construído em sua mente, onde experiências eram guardadas com todas suas nuances, e recuperadas de acordo com seu desejo:

Chego aos campos e vastos palácios da memória onde estão tesouros de inumeráveis imagens trazidas por percepções de toda espécie. Aí está também escondido tudo o que pensamos, quer aumentando quer diminuindo ou até variando de qualquer modo os objetos que os sentidos atingiram[. . .]Quando lá entro mando comparecer diante de mim todas as imagens que quero. Umás apresentam-se imediatamente, outras fazem-me esperar por mais tempo, até serem extraídas, por assim dizer, de certos receptáculos ainda mais recônditos. Outras irrompem aos turbilhões e, enquanto se pede e se procura uma outra, saltam para o meio, como que a dizerem: 'Não seremos nós?'

Num exercício de imaginação pode-se vislumbrar, na descrição de Santo Agostinho, a imagem do interior do seu palácio. Talvez ele tenha um hall de entrada, onde se prepara antes de avançar pelos diversos salões e quartos, organizando seus pensamentos, decidindo o que gostaria de buscar e onde guardou aquilo que procura. Com certeza esse palácio deve ter uma escadaria que dá acesso aos quartos, cada um guardando memórias específicas: talvez nas paredes de algum desses quartos estejam, como quadros de artistas famosos, fotografias e recordações visuais de momentos marcantes de sua vida. No salão de festas, poderão ser encontradas várias idéias, algumas dançando animadamente, outras aguardando uma música mais lenta.

Santo Agostinho prossegue falando de seu palácio, e como adquiriu algumas das memórias que o constituem:

Tudo isso realizo no imenso palácio da memória. Aí estão presentes o céu, a terra e o mar com todos os pormenores que neles pude perceber pelos sentidos, exceto os que já esqueci. É lá que me encontro a mim mesmo, e recordo as ações que fiz, o seu tempo, lugar, e até os sentimentos que me dominavam ao praticá-las. É lá que estão também todos os conhecimentos que recordo, aprendidos ou pela experiência própria ou pela crença no testemunho de outrem. (AGOSTINHO, 1987, p. 177)

Quando o autor menciona os conhecimentos aprendidos por testemunho de outrem, pode-se indagar se ele está falando de conhecimentos adquiridos através de leituras que fez. Mais adiante, o próprio autor dá a resposta:

Não é só isso o que a capacidade imensa da minha memória encerra. Também lá se encontra tudo o que não esqueci, aprendido nas artes liberais. Estes conhecimentos estão como que retirados num lugar mais íntimo, que não é lugar. Ora, eu não trago comigo as suas imagens, mas as próprias realidades. As noções de literatura, de dialética, as diferentes espécies de questões e todos os conhecimentos que tenho a este respeito existem também na minha memória, mas de tal modo que, se não retivesse a imagem, deixaria fora o objeto. (AGOSTINHO, 1987, p. 178).

A dialética e a literatura são ressaltados por ele como as artes liberais que mais acrescentaram ao seu palácio da memória. Ele faz uma clara distinção entre as memórias que adquiriu através da observação e influência do meio em que viveu e os conhecimentos adquiridos através da dialética e da literatura. Enquanto as primeiras memórias são apenas imagens do que viveu, as memórias adquiridas através da dialética e literatura são as próprias realidades. Isso se deve ao fato de essas duas artes liberais tratarem de idéias que são, em sua natureza, reais. Da mesma forma, não podemos apreender objetos físicos, cheiros ou sensações táteis em nossa memória, mas apenas suas lembranças e as impressões que causaram em nós.

Com esse relato, Santo Agostinho dá um testemunho valioso sobre a influência da literatura na construção dos palácios da memória. A dimensão da literatura atinge o sujeito de maneira diversa dos estímulos que ele recebe do ambiente com o qual interage.

Portanto, não há uma história oficial da leitura, que relate uma reação unânime de leitores acerca de uma obra. Cada leitor tem sua própria história de

interações e, conseqüentemente, seu próprio palácio. O que é similar nessa história das leituras são as condições externas ao sujeito. Aspectos sociais, culturais, naturais, religiosos sempre tiveram sua influência, ora repressiva ora incentivadora, sobre o acesso dos leitores aos livros e o incentivo à leitura.

Manguel (1997) conta em seu livro que quando era menino em Buenos Aires, costumava freqüentar uma livraria que possuía uma coleção de livros de histórias para o público infantil. Essa coleção era dividida por cores da capa. Os livros encadernados em rosa jamais eram lidos por meninos, enquanto os encadernados em verde e amarelo traziam histórias de aventura, como os Três Mosqueteiros e Robin Hood, mais apropriadas para meninos, e que meninas não tinham o hábito de ler. Esse exemplo mostra uma característica local de uma cultura que, fazendo tal dissensão entre seus leitores, acaba moldando o indivíduo em suas leituras. Essa conformação do indivíduo pode ser prejudicial a ele, pois ele deixará de ter acesso a algumas leituras, não por falta de acesso físico à obra, mas por um constrangimento social. Assim, podemos dizer que esse constrangimento é um tipo de dificuldade de acesso à leitura.

Em todas as épocas da história universal podemos encontrar casos dessa dificuldade de acesso à leitura. Algumas vezes essa dificuldade foi causada por condições raciais, como no caso dos escravos negros americanos, que foram proibidos de aprender a ler. Outras vezes foram os fatores políticos, como durante a Segunda Guerra Mundial, quando foram queimados milhares de livros considerados imorais pelos nazistas (MANGUEL, 1997).

A dificuldades no Brasil são outras. Conhecemos nossa história, e sabemos das dificuldades de cunho social, econômico, educacional, que são empecilhos para o estímulo à formação de leitores. Fiore (1999) arrola alguns desses problemas. O

autor afirma que o custo do livro, a família não-leitora, um sistema escolar que não trata a leitura adequadamente e bibliotecas públicas precárias são os maiores obstáculos ao incentivo eficaz à leitura. Esses problemas estão visivelmente relacionados, e resolver um deles não é garantia de solução do problema maior.

Mas, assim como em outros países e épocas, mesmo com todas as dificuldades encontradas, pessoas continuam descobrindo a leitura. Pessoas acabam conhecendo histórias que estão escritas, reunidas em folhas de papel, e vêem descortinar diante de seus olhos um precioso caminho para encontrarem satisfação pessoal, construírem conhecimento, saberem coisas que de outra maneira não saberiam.

Essa leitura cultivada por lazer, por prazer, por divertimento, ou por necessidade que algumas pessoas têm em adquirir conhecimentos novos, experimentar novos sentimentos, emocionar-se de várias maneiras, é uma necessidade própria dos leitores veteranos, que são ávidos por exercitar a mente e mexer com seus conceitos já formados sobre o estado das coisas, de viajar para outros lugares, épocas e situações. O leitor não lê pelo ato em si. Esse ato é a ferramenta da qual ele se utiliza para ter acesso a histórias e informações, para suprir seus desejos de conhecer e saber. Manguel, que é ao mesmo tempo escritor e leitor (1997, p. 340) diz que, “[ . . . ] lemos para descobrir o final, pelo prazer da história, não pelo prazer da leitura em si. Lemos buscando, como rastreadores, esquecidos de onde estamos [ . . . ] lemos em lufadas de súbito prazer, sem saber o que provocou esse prazer”.

A leitura é, para o leitor, fonte para saciar vários desejos e necessidades. Cada leitor tem seus objetivos pessoais quando se propõe a abrir um livro e levar a leitura até o fim. Esses objetivos são os mais variados: desde simplesmente passar

o tempo, satisfazer uma curiosidade, até adquirir conhecimentos e transformar ou acrescentar algo à sua vida. Algumas pessoas vêem a leitura como um agente de transformação social, da qual o leitor deve sempre extrair alguma mensagem, alguma lição para sua vida. Bloom (2001, p. 18) discorda desse ponto de vista ou, ao menos, mostra que esse não deve ser o motivo final de uma leitura:

[. . . ] lemos para fortalecer o ego, para tomar ciência dos autênticos interesses do ego. [. . . ] Sem dúvida, o prazer da leitura é pessoal, não social. Não se consegue melhorar – diretamente – as condições de vida de alguém apenas tornando-o um leitor mais competente.

O autor nos mostra, com essa afirmação, que devemos procurar na leitura a satisfação pessoal, o crescimento pessoal, não com um propósito de mudar o que está à nossa volta, mas para transformar e acrescentar algo a nós mesmos. Assim, a motivação da leitura deve vir do próprio leitor, e não de fatores externos a ele, o que nos remete à teoria de Maturana sobre as interações recorrentes, já abordada neste trabalho. Mais adiante, o autor dá um conselho aos leitores:

Exorto o leitor a procurar algo que lhe diga respeito e que possa servir de base à avaliação, à reflexão. Leia plenamente, não para acreditar, nem para concordar, tampouco para refutar, mas para buscar empatia com a natureza que escreve e lê". (BLOOM, 2001, p. 25).

Então podemos dizer que o verdadeiro leitor procura a sua melhoria, para entender o mundo e entender a si mesmo. Entendendo melhor essas duas dimensões, o mundo exterior e sua própria natureza, conseqüentemente tomará consciência das mudanças que precisam ser feitas em ambas dimensões. Só então o leitor será um agente de transformação social. E esta transformação será uma conseqüência natural de suas leituras, e não sua razão final.



Desde os gregos, a leitura é considerada um símbolo de sabedoria e poder. O poeta Menandro escreveu que aqueles que podem ler, vêem duas vezes melhor. (MANGUEL, 1997, p. 216). Cada leitor vê um mesmo texto de maneira muito particular. E confere a esse texto a importância e a significação necessária para que ele faça sentido em sua vida. Essa significação é tão particular de cada leitor que muitas vezes um texto reverenciado por um indivíduo é reprovado por outro, ou lhe é totalmente indiferente, pelo fato do leitor não identificar na história do texto aspectos da sua realidade. Manguel (1997, p. 239) diz que “[. . .]o significado de um texto é ampliado pelas capacidades e desejos do leitor”. Podemos dizer sobre isso que o significado de um texto pode também ser diminuído ou desconstruído de acordo com as capacidades e desejos do leitor. Assim, podemos dizer que o texto é construído a duas mãos: a do escritor, que cria a história ou a mensagem do texto, e a do leitor, que tem o poder da interpretação dessa mensagem. Manguel (1997, p. 239), ainda falando sobre o poder do leitor, continua: “Por meio de ignorância, fé, inteligência, trapaça, astúcia, iluminação, o leitor reescreve o texto com as mesmas palavras do original, mas sob outro título, recriando-o, por assim dizer, no próprio ato de trazê-lo à existência”.

Já que é o leitor que empresta o sentido ao texto, transformando-o conforme suas vivências anteriores, ou história de interações recorrentes, ao longo de sua vida ele fará leituras diferentes de um mesmo texto. Assim como esse texto o transforma, novas vivências transformarão o texto. O leitor poderá dar uma nova dimensão ao texto, influenciado por essas novas vivências. Do mesmo modo, o texto poderá lhe dar uma nova visão sobre fatos vividos por ele. Assim, leitor e texto conversam, pois cada um tem algo a dizer e acrescentar ao outro.

Podemos observar diferentes diálogos com um texto, comparando a leitura de um mesmo texto feita por uma criança e por um adolescente ou adulto. Na infância, o leitor toma um livro, com figuras ou sem elas, e as imagens desse livro, sejam as próprias figuras ou o desenho das palavras, lhe trazem idéias, histórias e interpretações próprias, que muitas vezes não fazem sentido ao adulto. Isso pode ser observado na descrição de Moraes (1996, p. 14), ao analisar o significado que as crianças dão ao que lêem:

Será que haveria sempre um único entendimento possível (o que às vezes chamam uma “leitura”) de cada texto? Será que é razoável encerrar o prazer de ler num espaço murado por regras de interpretação? O prazer é livre ou não é prazer. [ . . . ] Se ela compreende o texto de maneira diferente da nossa, não é necessariamente porque se engana ao decodificar signos gráficos, mas, muitas vezes, porque as palavras lidas ativam um universo mental, conhecimentos e processos de raciocínio que não correspondem exatamente aos nossos.

À medida que a criança vai crescendo e se desenvolvendo, a sua percepção e seus modos de interpretar o mundo e as palavras vão ficando cada vez mais complexos. Isso porque novas informações e experiências vão se acumulando, sendo selecionadas, gravadas e assimiladas em sua mente.

[ . . . ] os sujeitos têm suas próprias idéias sobre o transcurso das coisas, que não são uma mera cópia do que recebem. Há uma estreita interação entre as informações que o sujeito recebe, o que pode observar em seu meio, o que adquire através de sua própria experiência e seus instrumentos intelectuais, isto é, sua capacidade para organizar todos esses elementos, porque os sujeitos tentam dar sentido ao que acontece, extraindo disso uma ordem e uma regularidade (DELVAL, 2002, p. 235).

O autor se refere em especial às crianças entre quatro e doze anos, período em que se constroem as primeiras cognições ou esquemas cognitivos, como aqueles que permitem o estabelecimento de ligações de causa e conseqüência, por

exemplo. Mas esse processo de percepção individual acontece durante toda a vida do sujeito, e à medida que ele cresce, mais e mais informações virão para complementar as informações que ele já possui.

O leitor que inicia suas leituras já na infância tem a vantagem de ter conhecido uma possibilidade, uma ferramenta a mais para auxiliar na sua construção pessoal. E sua construção pessoal será uma edificação mais sólida, pois a leitura lhe trará facilidades. Talvez não a facilidade de ler determinados textos, entendê-los, ou até mesmo gostar deles. Mas as facilidades que vêm como resultado dessa interação com essas leituras, e que trazem novas visões, mostram novos rumos, proporcionam encantamento e admiração. Essas leituras, por vezes, poderão dar ao leitor a impressão de confusão ao invés de facilidades. Algumas vezes, por comunicarem algo nunca antes lido; outras, por jogarem o leitor no meio de um turbilhão de idéias e emoções com os quais ainda não sabe lidar; ou ainda, por darem ao leitor a impressão de que sua construção está ruindo ao invés de ser fortalecida. Mas como a vida é um processo de constante crescimento e novas interações, e por vezes o processo é lento, esse leitor poderá vir a entender o quanto aquelas leituras inquietantes o transformaram. Ou, simplesmente, por não terem modificado suas emoções, consolidaram algumas de suas certezas.

## 2.4 O adolescente como leitor: ações e contradições

Quando a criança inicia sua vida escolar, as primeiras lições que lhe oferecem giram em torno da leitura e da escrita. Para que ela venha a se interessar desde cedo pela leitura, tanto a escola, quanto os professores como (e especialmente) os pais precisam envolvê-la de modo criativo e interessante com os livros. Isso se dá desde o berço, através de cantos, brincadeiras e contação de histórias. Tais iniciativas propiciam um contato inicial, mas definitivo, da criança com a leitura. A partir do acesso à leitura adequada ao seu mundo e à sua idade, a criança poderá desde muito cedo se constituir num leitor.

A criança que é estimulada desde cedo tem grandes probabilidades de vir a ser um leitor constante, que faz uso da leitura para seu prazer. Isso porque ela aprende a ver na leitura infinitas possibilidades de conhecer histórias, pessoas, personagens, situações, passando por elas sem pressa. Ela tem a liberdade de imaginar, interpretar, tocar o texto. Para essa leitura não há cobranças, nem por parte de seus pais e professores, nem dele próprio. Não há necessidade de demonstrar que o texto ou a história foram memorizados ou interpretados da maneira correta.

É muito mais fácil incentivar uma criança do que um adulto a ser um leitor. Na infância a influência dos pais, professores e pessoas de seu convívio constante é maior, pois ela é ainda muito suscetível ao que eles têm lhe mostrar, dizer e contar.

Santos (1999) escritor e professor, conta como foi seduzido pelos livros. Apesar de ter estudado em um colégio que nem sequer tinha biblioteca ou sala de leitura e de ser de família pobre, tomou gosto primeiramente pelas histórias que sua

avó tinha para contar. Depois foi alfabetizado pela mãe a partir da leitura da Bíblia, num ambiente religioso rico e variado, onde se recitavam poesias, se montavam peças, se contavam histórias para as crianças e se organizavam concursos de versículos. Esse exemplo, como inúmeros outros que poderiam ser referidos, nos mostra que o hábito da leitura em crianças, apesar de não exigir investimento nem complexos fundamentos pedagógicos, pode ser incentivado com sucesso por pais e familiares.

Mas essas crianças crescem, e antes de serem consideradas adultas, elas terão que passar pela adolescência. A adolescência é um fenômeno complexo, que coincide com a puberdade, que é o momento biológico onde as transformações físicas do sujeito acontecem e o transformam num adulto (HERBERT, 1991). Mas a adolescência não se restringe a essas mudanças físicas da puberdade. O desenvolvimento psicológico do sujeito, relacionado com a puberdade é que caracteriza a adolescência. Herbert (1991, p. 19) continua, dizendo que “A tarefa mais importante do estágio adolescente, segundo muitos psicólogos contemporâneos, é a necessidade de o indivíduo moldar e consolidar sua identidade de pessoa única e madura”. E na medida em que desenvolvem seus corpos e suas mentes, esses adolescentes vão tomando conhecimento, pouco a pouco, de toda a complexidade e variedade do mundo que os cerca. As novas relações que eles estabelecem consigo mesmos e com o mundo caracterizam essa fase delicada e controversa de suas vidas, chamada de adolescência. Tratam-se de pessoas que não pertencem mais à infância, mas ainda não estão maduras para serem considerados adultos. Eis o dilema do ritual de passagem em que se constitui o processo da adolescência, cuja origem etimológica é *adolescere*, ou seja, adoecer. Toda pessoa passa por esse ritual. Antes de ser aceito como adulto, o sujeito teve

que se confrontar com inúmeras situações novas e teve que aprender a resolver ou conviver com elas.

Nessa fase da vida as pessoas gradativamente conquistam liberdade para fazerem suas próprias escolhas, seja quanto ao rumo que darão às suas vidas profissionais, seja para experimentarem novas diversões e prazeres. E o adolescente que não adquiriu o hábito da leitura na infância raramente o adquire nesse momento. Um dos motivos para que isso não ocorra é a cobrança que começa pela escola, uma vez que:

[ . . ] professores militantes da leitura já perceberam que, depois de terem interessado as crianças na leitura através de autores inteligentes e divertidos, esta atividade declina dramaticamente no colegial, e um dos motivos é que nesta fase a escola passa a obrigar à leitura dos autores exigidos no vestibular.(FIORE, 1999, p.121);

As leituras obrigatórias exigidas pelos professores nem sempre fazem parte do universo desses adolescentes. Eles foram estimulados a ler e a conhecer apenas seu mundo imediato, sem se preocuparem em ver outras realidades, em especial aquelas que aparecem na grande maioria dos livros em questão. A linguagem utilizada nesses livros não é de seu domínio. Muitas das situações descritas em tais obras também se referem a épocas que os adolescentes não conhecem muito bem. Tudo isso desestimula a leitura, pois eles não se identificam com o que estão lendo.

Freire (1979) mostra que o ato de estudar, independente de qual seja qual for a matéria de estudo, só permite a leitura daquilo que é compreendido. E, mais ainda, qualquer conteúdo lido só faz sentido ao sujeito quando nessa pessoa se constrói uma certa curiosidade ou desejo de enfrentamento do mundo. Diante disso, educadores e pais devem ter a preocupação de incentivar aquelas obras que de

alguma forma se relacionem com sua realidade, ou que despertem sua curiosidade para novos assuntos que possam vir a fazer parte de suas vivências.

A International Reading Association (Associação Internacional de Leitura), que tem por finalidade incentivar a leitura em todas as idades, dá algumas diretrizes para pais e professores que desejam incentivar ou manter o gosto pela leitura nos adolescentes. Entre outras diretrizes a Associação ressalta que facilitar o acesso a uma grande variedade de materiais de leitura é uma forma de incentivo. A presença de professores que se constituam em modelos (porque são leitores) e que consigam dar aulas com prazer, é fundamental. Do mesmo modo eles servirão de referência aos seus alunos se conseguirem entender as necessidades individuais desses leitores-adolescentes. Finalmente, o documento ressalta que a ação de especialistas em leitura, ou seja, de pessoas que conheçam as estratégias mais adequadas para incentivar a formação de novos leitores, dêem assistência aos alunos que não gostem ou que apresentem dificuldades para ler, prestam uma contribuição fundamental para esses adolescentes, com as suas contradições, problemas e desconcertos.

A adolescência é a fase em que o sujeito começa a descobrir e vivenciar com mais intensidade novos passatempos. Uma das características desse momento é a convivência intensa em grupos de amigos que procuram estar sempre juntos. Seja para se divertirem, seja para tomarem qualquer decisão cotidiana, por menor que ela seja, mas também, e especialmente, para encontrarem em pessoas da mesma idade (e que assim compreendem as suas idiossincrasias, as respostas para as dúvidas e anseios que tanto os atormentam. (HERBERT, 1991). Nesse ponto, novamente aqueles que são leitores assíduos têm vantagens sobre os demais adolescentes. A leitura pode se constituir numa preciosa fonte de respostas e caminhos para as

questões e situações que se apresentam a cada dia diante deles. Na leitura descobrem que não estão sozinhos em seus sentimentos, em seus medos e em suas inseguranças. Através dela, conseguem redimensionar e solucionar aqueles problemas que à primeira vista acreditavam ser insolúveis. Talvez não encontrem respostas totalmente satisfatória, adequadas ou prontas. Mas a leitora permitirá que eles reconheçam que o seu problema não é um caso isolado e singular, mas que a maioria das pessoas passa ou já passou por problemas semelhantes aos seus.

Esses adolescentes, de acordo com suas realidades, podem descobrir na leitura novas habilidades, adquirir conhecimentos ou instrumentos que podem lhes dar uma nova visão de mundo, ou expandir conceitos já formados. Santos (1999), depois de contar como se apaixonou por livros, através das histórias de sua avó e da alfabetização na Bíblia, diz que foi na adolescência que descobriu uma nova possibilidade que ia além do mundo que ele conhecia. Conta que, com treze anos, ao entrar no ginásio, começou a ter aulas de latim. E descobriu que poderia adquirir mais esse conhecimento através da leitura:

Se eu quisesse aprender latim e estava em mim querer,<sup>1</sup> Julius Caesar teria escrito o De Belo Galico para mim. Ao descobrir isso, na aula inaugural do velho professor Matta, senti uma alegria íntima e feroz. Perdoei a meu amigo Julius Caesar todos os crimes que mais tarde estudei na faculdade(Op.cit., p. 91-92 )

O prazer obtido através da leitura, portanto, depende da visão do leitor. Mas a escola, os pais e pessoas de seu convívio também têm papel importante na formação e manutenção desse gosto. O adolescente pode abandonar os livros por nada mais significarem para ele, por não representarem sua realidade, por não encontrar neles uma identificação com seus problemas. Mas pode também ver o

---

<sup>1</sup> Grifos do autor.



livro como um veículo que lhe traz notícias e histórias de pessoas que, como ele, passaram por situações semelhantes às suas. Ou com outras que viveram uma realidade totalmente diferente da sua, mas que podem contribuir para que ele próprio consiga entender melhor a si e aos outros. Especialmente nessa fase da vida, onde ele procura rumos e respostas para se tornar um indivíduo único e maduro, a leitura é uma de suas maiores companheiras e amigas.

### 3 ANÁLISE DOS DEPOIMENTOS: OS ADOLESCENTES FALAM POR SI

As respostas enviadas pelos adolescentes vieram confirmar os pressupostos teóricos anteriormente expostos neste trabalho. Apesar de serem os sujeitos adolescentes, com vários interesses e compromissos específicos dessa fase da vida, eles prontamente enviaram seus depoimentos, demonstrando assim, interesse em participar da pesquisa. Isso revela que a leitura para esses sujeitos é algo importante e prioritário em suas vidas. Todos os sujeitos da pesquisa afirmaram ser a leitura uma parte importante de seu dia-a-dia, e alguns fizeram questão de descrever essa importância, em declarações como:

*“A leitura na minha vida hoje é muito importante sem ela não sou nada, meu mundo vira praticamente em torno dela hoje não consigo ficar sem ler um dia se quer”. (Laura, 19 anos)*

O mesmo é apontado de forma mais singela, mas com idêntico significado por Andréia:

*“Simplesmente amo ler”. (Andréia, 19 anos)*

Os adolescentes participantes da pesquisa deixaram claro que mesmo tendo acesso a inúmeros outros divertimentos, e tendo uma rotina variada de estudo, trabalho e vida familiar e social, a leitura encabeça suas preferências e permeia todas as outras atividades que desenvolvem, seja de trabalho, lazer, ou tarefas rotineiras.

*“O fato de ter o que fazer (ler) é posto em primeiro plano por mim”. (Emília, 19 anos)*

Ou:

*“Atualmente, não consigo dormir sem ler, tenho livros empilhados ao lado da minha cama me esperando”.(Andréia, 19 anos)*

A impressão transmitida através dos depoimentos é a de que a leitura para esses adolescentes é um porto seguro, um lugar onde sempre vão encontrar abrigo, chão firme para manter sua sustentação. O simples fato de o livro preferido estar ao lado da cama já nos diz muito. A leitura não é feita de modo apressado, em lugares conturbados. É realizada num momento calmo, quando há silêncio em volta, e a atmosfera propicia a concentração. Apesar de Emília afirmar poder ler em meio a muitas pessoas, ou ouvindo música, é nos momentos calmos e solitários que a leitura é mais proveitosa.

Em todos os depoimentos os adolescentes afirmaram fazer paralelos entre suas vidas e suas leituras, muitas vezes comparando-as. Algumas vezes aplicam diretamente conhecimentos ou situações dos livros em suas vidas diárias. Outras vezes o caminho é inverso: identificam claramente situações de suas vidas descritas nos livros que lêem.

*“Uso tudo que leio para minha vida, por incrível que pareça, desde os conhecimentos diários dos jornais, aos livros de pesquisa e os de lazer”.  
(Emília, 19 anos)*

E Andréia confirma:

*“A maioria das vezes, traço um paralelo com os fatos dos livros e a minha própria vida, às vezes, consigo me ver no lugar de alguma personagem e, não são raras as vezes, que comparo alguma situação do livro com minha vida”. (Andréia, 19 anos)*

Mas não é só para obterem novos conhecimentos que esses adolescentes lêem. Em vários trechos de seus depoimentos eles deixam transparecer o simples e puro prazer de se deixar envolver totalmente pela história do livro:

*“Eu lembro de livros que eu interagía a cada página, onde eu tinha que descobrir na leitura que havia acabado de fazer alguma coisa que ele pedia. E isso era um manual para todo o dia, pois tinha que ler logo, se não ‘os mocinhos estariam correndo perigo’ sem a minha ajuda”. (Emília, 19 anos)*

Mais adiante, Emília continua, falando sobre sua satisfação em entrar na história do livro:

*“Sou apaixonada por mistério, suspense, aventura[. . .]São meus preferidos, porque apresentam algo que adoro fazer: solucionar problemas. E quando descubro o assassino antes da leitura, que gratificante que é! Acabo vivendo uma aventura a cada vez que leio, porque entro no livro que estou lendo, e não falo como qualquer um que diz isso, na verdade eu faço parte da história também e fico ansiosa, com medo ou vitoriosa com a solução”. (Emília, 19 anos)*

É na adolescência que a cognição humana se torna mais complexa, e o sujeito começa a desenvolver o raciocínio dedutivo e abstrato, de acordo com Costas et. Al. (2002), já comentado. Esse aspecto é visível também nos depoimentos dos adolescentes.

*“Eles [os livros] me fazem observar as pessoas e acontecimentos de outro modo com um certo raciocínio, de tal forma que eu já tenha uma resposta na ponta da língua para falar. Eu gosto de ficar só olhando, ouvindo, tentando descobrir como as pessoas são sem perguntar”. (Emília, 19 anos)*

Pode-se perceber que Emília forma conceitos e imagens sobre as pessoas, tentando descobrir como elas são através da observação, utilizando suas interações anteriores com os livros e as histórias ou situações lidas. Tanto que, ao observar uma pessoa agindo de determinada forma, ou verbalizando determinada opinião, já tem “uma resposta na ponta da língua para falar”.

Pedro, de forma indireta, também demonstra como sua cognição foi se desenvolvendo graças à leitura:

*“Dou muita importância para a leitura, porque sei que posso obter conhecimentos diferentes e ampliar minha imaginação. Certamente se eu não lesse eu veria o mundo com olhos totalmente diferentes, pois não teria muita imaginação”. (Pedro, 12 anos)*

O que Pedro chama imaginação é, na verdade, a ampliação de seus esquemas mentais através dos conhecimentos, e das projeções que a leitura lhe permite fazer. Dessa maneira, a imaginação de Pedro lhe propicia uma visão muito mais versátil das situações que vivencia fora dos livros.

Emília e Pedro deixam entreabertas as portas de seus palácios da memória. Pode-se perceber que lá dentro os aposentos são mais amplos, e o mobiliário é bem variado. Quando Emília diz observar as pessoas e acontecimentos sob várias perspectivas, percebe-se a influência que suas leituras tiveram sobre a construção de seu palácio. Do mesmo modo Pedro, quando fala de sua imaginação ampliada pela leitura, dá um vislumbre da variedade dos aposentos de seu palácio particular.

Os livros de mistério, suspense e aventura são os preferidos pelos adolescentes. Tais livros são cheios de ação, e muitas vezes trazem características importantes sobre o comportamento humano. Esses livros também propiciam o

raciocínio lógico e dedutivo, quando envolvem a solução de um mistério. Essa preferência é totalmente compreensível, já que na adolescência o sujeito está desenvolvendo justamente as capacidades cognitivas de lógica e dedução. Também o fato desses tipos de livros terem uma linguagem mais próxima da linguagem coloquial que o adolescente utiliza aproxima leitor e livro. Quando mencionaram seus autores e estilos favoritos, os sujeitos demonstraram ter muitos deles em comum:

*“Quando meus amigos começaram a ler Harry Potter[. . .]Foi aí que eu li também.[. . .]Livro sobre histórias de guerreiros, não apenas guerreiros de espada e arma mas, guerreiros que tem uma mensagem para nos passar durante o livro a cada ação que eles fazem”. (Pedro, 12 anos)*

Também Emília cita seus autores prediletos:

*“Sherlock Holmes já tenho quase todos, Agatha Christie, Sidney Sheldon, Marcos Rey, Robin Cook...São tantos autores e livros que adoro, que perco a conta! Aquela antiga ‘coleção vagalume’ também arrecadou uma fã”. (Emília 19 anos)*

E Andréia demonstra ter autores em comum com Pedro e Emília:

*“Os livros que mais gostava de ler, quando eu era menor, eram estilo diário[. . .]Eu não sei bem minha preferência de leitura, gosto bastante do estilo do Sidney Sheldon, ele me encanta com suas histórias. A coleção de livros do Harry Potter também me chama a atenção, aliás estou lendo o terceiro livro dele. O humor do Luiz Fernando Veríssimo também é ótimo”. (Andréia, 19 anos)*

Pode-se perceber que conforme vai crescendo, o adolescente começa a buscar outros tipos de leituras, mais variadas, que tragam novos elementos à sua

experiência de vida. Essa característica é visível nas leituras de Pedro, 12 anos, e Andréia e Emília, 19 anos. Apesar de Andréia e Emília também terem lido livros que Pedro lê, elas já procuram outras leituras. Rita, de 17 anos, também é um exemplo dessa evolução:

*“Comecei a ter gosto pela leitura quando estava na 4ª série – onde descobri, numa das prateleiras da escola, o livro ‘Descanse em paz, meu amor’ (Pedro Bandeira) [. . .] Com o tempo fui amadurecendo, de modo que comecei a escolher autores e literaturas mais completas, complexas e diferenciadas.[. . .] No meu repertório tenho dois livros, os quais diria ‘meus preferidos’ – por enquanto –: ‘Os sofrimentos do Jovem Werther’ (Goethe) e ‘O mundo de Sofia’ (Jostein Gaarder). O primeiro é pelo modo que o autor se expressa, vocabulário que usa, e, claro, pelo conto em si. O segundo é muito mais pelo que me acrescentou. Aprendi a ver o mundo de outra maneira e a compreendê-lo melhor. Numa situação que apresente apenas um caminho a ser seguido, eu paro, penso, e encontro vários outros”. (Rita, 17 anos)*

Quando falam sobre suas primeiras influências no desenvolvimento do gosto pela leitura, eles não fogem da teoria predominante: pais, familiares próximos e amigos são as maiores influências:

*“Toda a minha família é ‘papa-leitura’! Não tem quem esteja sem um livro do lado da cama. Cada um tem suas preferências, o que faz da nossa casa uma biblioteca, com títulos diversos”. (Emília, 19 anos)*

Andréia também diz ter sido incentivada em casa:

*“Fui bastante influenciada a ler pela minha mãe, porque ela também é uma amante dos livros”. (Andréia)*

E Pedro relembra seus primeiros contatos com a leitura, ouvindo histórias que sua mãe lhe contava:

*“Quando minha mãe me lia a cada noite um livro diferente e às vezes ela até lia livros grandes, como ‘Sonhos de uma noite de verão’, Shakespeare. Foi aí que começou meu interesse por leitura”. (Pedro)*

É notório o fato de nenhum dos sujeitos mencionar professores ou dicas de leitura dadas em sala de aula. Alguns até mencionam a escola, como Rita, que diz ter descoberto seu primeiro livro “numa das prateleiras da escola”. Mas essa descoberta, ao que parece, não foi por sugestão ou orientação de nenhum professor, e sim por um trabalho de garimpagem pessoal. Do mesmo modo Laura conta:

*“Nunca gostei muito de ler, mas depois que começamos a trocar livros entre os colegas no segundo grau me apaixonei pelos livros da Agatha Christie e não parei mais”. (Laura, 19 anos)*

E Pedro declara:

*“Quando meus amigos começaram a ler Harry Potter e chegavam na aula relatando os capítulos, me interessou bastante, porque afinal eu ficava de fora de suas discussões sobre o livro”. (Pedro, 12 anos)*

A troca de livros entre colegas, ou o comentário sobre essas leituras parece ser feito fora da sala de aula, ou talvez até atrapalhando o andamento de alguma matéria. A menção mais direta a livros ligados à escola foi de Emília:

*“Uma coisa que lembrei também, foi que na primeira série, os alunos mais aplicados ganharam livros de brinde da escola, é claro que ganhei também e*



*quase decorei os mesmos de tanto que li para todos os amigos e família”.*

*(Emília, 19 anos)*

Nota-se que esse prêmio dado aos alunos foi no começo da vida escolar, ou seja, apenas no primeiro ano fundamental.

Duas das adolescentes participantes da pesquisa mostraram um significado especial que a leitura tem para ambas: uma companhia, que as ajuda a escapar da realidade. Laura conta que as histórias lidas lhe tiram momentaneamente de sua própria realidade, ao mesmo tempo em que lhe transmitem segurança:

*“Primeiramente o que me levou a ler foram as histórias, me fascinavam isso acabou se tornando lazer e até pra fugir um pouco da realidade [ . . . ] Adoro livros de ação, suspenses, e romances também. Me fazem sair fora da nossa realidade, me sinto mais segura com eles...” (Laura, 19 anos)*

Rita conta que houve uma época de sua vida que se viu sem amigos, e que os livros foram seus companheiros que, ao mesmo tempo em que não lhe deixavam sentir-se só, também lhe proporcionavam uma espécie de fuga momentânea da realidade:

*“Lá pelos doze, talvez treze anos, não tinha amigos e vi nos livros meu maior aliado. Lendo, meu tempo voava entre passados, presentes e futuros”. (Rita, 17 anos)*

Manguel (1997, p. 23), anteriormente citado, conta que seu relacionamento com a leitura, embora por motivos diferentes, também lhe proporcionou a companhia que necessitava:

A leitura deu-me uma desculpa para a privacidade, ou talvez tenha dado um sentido à privacidade que me foi imposta, uma vez que durante a infância, depois que voltamos para a Argentina, em 1955, vivi separado do resto da família, cuidado por uma babá numa seção separada da casa[. . .]Não me lembro de jamais ter me sentido sozinho.

Rita continua, contando como percebeu seu crescimento pessoal após adotar a leitura como companheira:

*“Comecei a julgar certas opiniões como ‘coisas ignorantes’ e continuei, então, cercada por centenas de livros. Eu era uma legítima “rata de biblioteca”. [. . .] Entre leitura e outra, pude perceber apenas um CONTRA na leitura: nós, leitores, cobramos ações mais racionais, maduras. Procuramos ser amigos de LEITORES. O que, para mim, torna mais difícil fazer amigos”.*  
(Rita, 17 anos)

Pode-se perceber pelo discurso de Rita que leitores são pessoas mais coerentes, que avaliam e criticam muito mais as pessoas e situações à sua volta. Essa atitude pode, por vezes, lhe custar algumas simpatias, já que muitas vezes ela vai de encontro a algumas posturas de outros adolescentes de sua idade, que não tem desenvolvido esse mesmo senso crítico.

*“As pessoas comuns nunca compreenderam meu gosto pela leitura e nunca fiz questão de explica-lo”. (Rita, 17 anos)*

Corroborando essa declaração de Rita, Bloom (2001), citado no capítulo anterior, diz que a leitura é um ato de satisfação pessoal, que não precisa ser justificado de forma alguma.

Quando questionados se alguma vez eles estiveram frente a alguma situação onde puderam relacionar a mesma com algo que já tivessem lido, muitos dos adolescentes lembraram fatos específicos de suas vidas que tiveram grande relação ou semelhança com algo já lido por eles:

*“Quando eu li o livro Crescer é perigoso, Márcia Kupstas, eu lembrei um fato que não gostaria de lembrar, quando a avó de Gustavo (personagem principal) estava na UTI, e ele passava por dificuldades, pois gostava muito **de sua avó, fez eu lembrar quando meu avô esteve na UTI a meses atrás**”. (Pedro, 12 anos)*

Pedro relacionou imediatamente a situação do personagem principal com sua própria experiência. Talvez até o desenrolar da história contada no livro possa ter servido de consolo a Pedro e feito ele ver a situação de seu avô sob vários pontos-de-vista.

De modo semelhante Andréia conta que se baseava muito em suas leituras para tomar algumas decisões, pois essas leituras espelhavam sua realidade:

*“Os livros que eu mais gostava de ler, quando eu era menor, eram estilo diário, sabe... espelhava-me muito neles para tomar decisões na minha vida. Eram livros onde o narrador (1ª pessoa) era uma adolescente com problemas comuns a todas as meninas da mesma idade, eu me via a todo momento naquelas situações”. (Andréia, 19 anos)*

Emília diz também utilizar suas leituras diretamente em seu dia-a-dia, lembrando de trechos lidos, ou das semelhanças da literatura com a vida real.

*“Uso muitas citações dos meus livros favoritos, aquelas frases na ponta da língua que nos salvam a pele nos momentos difíceis...Ou aquelas cenas, que você pensa: isso saiu de um livro e sabe o que fazer...”(Emília, 19 anos)”.*

O fato de ter citações na ponta da língua demonstra que as leituras de Emília estão estreitamente ligadas e diluídas em seu cotidiano. Da mesma forma Andréia conseguia entrelaçar sua vida com suas leituras, levando para dentro de sua vida situações lidas e projetando aspectos de sua vida nos livros que lia. Ambas conseguem fazer conexões muito claras entre aquilo que lêem e aquilo que vivem. Esse fato nos lembra a teoria das interações recorrentes de Maturana, já

anteriormente exposta, onde o autor afirma que interagimos com aquilo que lemos, e isso nos transforma. E ao mesmo tempo em que interagimos com o meio em que vivemos, também o transformamos, de acordo com nossas experiências anteriores, ou seja, com as leituras que já fizemos.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar sobre leitura é falar sobre a história de leitura particular de cada indivíduo. Milhões de leitores existiram desde que o livro e a leitura foram criados, e não há uma trajetória de leitura idêntica à outra. Resgatar a história da leitura é conhecer a história pessoal de cada leitor.

O roteiro dos depoimentos propôs cinco perguntas aos adolescentes, abrangendo os tópicos considerados essenciais a este trabalho. Embora se desse a opção de ignorá-los, ou de se deterem em apenas um deles, ou até mesmo falar em algo não abrangido pelo instrumento, todos os adolescentes se mantiveram fiéis às perguntas apresentadas. Com isso, a análise se deteve naquilo que se julgou a priori como importante, sem a inclusão de novas possibilidades que poderiam ter ocorrido e, assim, ter redirecionado a pesquisa. Desse modo, embora abrangendo apenas alguns aspectos da história de vida dos adolescentes com a leitura, as informações contidas em seus depoimentos são muito ricas e inesperadas. Surgiram respostas muito singulares e criativas, como era de se esperar entre pessoas que lêem. Talvez se tivessem sido ouvidos adolescentes que não lêem, se tivesse chegado a resultados que pudessem fazer o confronto entre os dois grupos. Todavia, seria um outro trabalho, bem diferente do projeto que deu origem a esta pesquisa.

Um ponto a ressaltar, nesse mesmo sentido, é que as respostas representaram o universo vivido por esses adolescentes. Mas que interpretam o mundo de outros adolescentes que também são leitores. A profundidade das reflexões de cada um dos sujeitos permitiu que se tecessem inúmeras análises em

torno de seus relatos, todas convergentes com as referências teóricas que serviram de base para o trabalho.

Um dos pontos que se pode perceber é que muitas das características são comuns a esses adolescentes-leitores. Identificou-se um consenso sobre a importância que atribuem à leitura em suas vidas. E também sobre como a leitura pode transformá-los, ajudando-os a perceberem novas alternativas, novas brechas, novas portas naqueles caminhos que julgavam ser o único. Eles são unânimes também quando afirmam ser a leitura uma ferramenta valiosa para encontrarem respostas aos seus dilemas, a partir do confronto entre as histórias lidas e as suas próprias vidas, pela semelhança ou diferença aí encontráveis.

Cada depoimento se constitui sem dúvida numa declaração de amor explícita à leitura. Ela é vista por todos e por cada um como um momento de encontro consigo mesmos nas páginas dos livros. Há um processo de identificação entre o leitor e o texto lido, que mostra como eles conseguem estabelecer diálogos entre suas vidas e o que lêem. Isso se dá num patamar bem maior do que seria compreender a leitura como uma estratégia de simples aquisição de novos conhecimentos ou de informações, previsível num não-leitor, considerado como tal aquele adolescente que só lê por obrigação, por disciplina, como uma cobrança, como um desprazer.

Mas cada manifestação trouxe dentro de si, muitas vezes só legível nas entrelinhas, diversas declarações inconscientes. Por exemplo, a afirmação de que um livro pode ser uma companhia que pode consolar e entender, num momento em que ele se sente tão sozinho, tão abandonado, como é próprio da sua condição de adolescentes.

Além disso, deixou claro que o apego, o conversar, ou o amar, que de acordo com Maturana são os fundamentos da ação de *ser* humano e de *tornar-se* humano, se constrói à medida em que se vai buscar novas leituras. Cada escolha é uma nova oportunidade que se abre para o adolescente passear por seu palácio da memória, conversar com o seu mundo, consigo mesmo e com os que o cercam.

O simples fato de ter o livro, objeto físico, entre as mãos e folheá-lo, é uma forma de estar acompanhado. E esses leitores mostraram saber que, além disso, esse objeto físico também pode conversar, ou seja, interagir com ele. Isso é algo que os entusiasma e os encanta na leitura.

Cada leitor tem reações muito particulares em relação às suas leituras. Apenas o leitor sabe o quanto cada palavra atinge ou modifica seu palácio da memória. Ninguém pode falar com ele, dizer o que é bom que ele leia, o que pode contribuir para a sua vida, nada disso. Para eles, o ato de ler é resultado de uma escolha singular. No máximo podem ser dadas sugestões. Mas com cuidado, com carinho.

Ficou evidente no discurso dos adolescentes-leitores a validade da teoria de Eysenck e Keane sobre a cognição, que afirma que todas as experiências do sujeito servem para fortalecer e aperfeiçoar os esquemas mentais do mesmo. Assim também a leitura mostra-se uma ferramenta essencial para o bom desenvolvimento desses esquemas. A teoria das interações recorrentes de Maturana veio complementar a teoria da psicologia cognitiva, mostrando que o sujeito interage permanentemente com o meio em que vive através das emoções, e que é através dessas interações que acontece o processo de desenvolvimento de seus esquemas mentais.

Conhecer o universo particular dos leitores adolescentes é tão importante quanto estudar as causas da não-leitura por parte de um grande número de outros adolescentes. Talvez se estes últimos um dia virem a compreender isso, poderão se tornar leitores. Se de algum modo eles compreenderem a satisfação pessoal e os inúmeros benefícios que a leitura pode proporcionar, correrão em busca da porta que dê entrada para esse novo mundo. E, dentro da aceleração própria dessa fase da vida, o quanto antes, para também usufruírem desse prazer. Afinal, ninguém recusa a chance de transformar uma humilde morada em um belo monumento arquitetônico, em um palácio.

Agradeço, pois, ao Pedro, à Emília, à Rita, à Andréia, e à Laura, que me permitiram, ao lê-los, compartilhar desse mesmo prazer.



## REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **Confissões; De magistro**. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987. Coleção os pensadores.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987. Série Educação em Ação.

BETTELHEIM, Bruno; ZELAN, Karen. **Psicanálise da alfabetização: um estudo psicanalítico do ato de ler e aprender**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

BLOOM, Harold. **Como e por que ler**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

CHAUÍ, Marilena. Lembrança e identidade do eu. Disponível em: <<http://www.internewws.eti.br/coluna/filosofia/0017.shtml>>. Acesso em: 29 nov. 2004.

COSTAS, Fabiane Adela Tonetto; et. Al. O processo de construção da linguagem a partir dos aportes de Piaget e Maturana. **Educação**. V. 27, n. 1, p. 65-76, 2002.

DELVAL, Juan. **Introdução a prática do método clínico: descobrindo o pensamento das crianças**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

EYSENCK, Michael W; KEANE, Mark T. **Psicologia cognitiva: um manual introdutório**. Porto Alegre: Artes Medicas, 1994.

IORE, Ottaviano de. A formação do leitor, uma tarefa. In: **A formação do leitor: pontos de vista**. Rio de Janeiro: Argus, 1999. p. 117-127.

FOCUS on adolescent literacy. Disponível em: <[http://www.reading.org/resources/issues/focus\\_adolescent.html](http://www.reading.org/resources/issues/focus_adolescent.html)>. Acesso em: 10 nov. 2004.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

HERBERT, Martin. **Convivendo com adolescentes**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1991.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MATURANA, Humberto. Linguagens, emoções e ética nos afazeres políticos. In: **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: UFMG/ Humanitas, 1999. p. 58-72. a.

\_\_\_\_\_ **A ontologia da realidade**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1999. b.

MORAES, Maria Cândido. **Educar na biologia do amor e da solidariedade**. Petrópolis: Vozes, 2003.

MORAIS, José. **A arte de ler**. São Paulo: UNESP, 1996.

SANDRONI, Laura C.; MACHADO, Luiz Raul. **A criança e o livro : guia prático de estímulo a leitura**. 2.ed. São Paulo: Atica, 1987.

SANTOS, Joel Rufino dos. Como me apaixonei por livros. In: **A formação do leitor: pontos de vista**. Rio de Janeiro: Argus, 1999. p.89-92.

## **APÊNDICE – Roteiro dos Depoimentos**

## Roteiro sobre hábitos de leitura

Olá,

Sou estudante de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e estou escrevendo minha monografia de conclusão de curso, cujo título é “Leitura e cotidiano: os caminhos mentais e a influência da leitura no cotidiano e na visão de mundo entre adolescentes”.

Estas leituras que são o alvo de minha pesquisa não são de forma alguma leituras propostas pela escola ou qualquer outra instituição, com fins de ensino e aprendizagem, mas sim aquelas leituras que você faz por iniciativa própria, para o seu lazer, sejam elas quais forem.

Para este trabalho, pretendo coletar depoimentos de leitores sobre suas leituras ao longo de suas vidas, e de como estas leituras passam a fazer parte de sua história.

Através de seu depoimento pretendo conhecer sua história de leitura: quais são suas preferências, como e por que começou a ler, e como estas leituras influenciam na sua vida, seja de modo direto e prático, seja mais subjetivamente, ajudando a formar e transformar sua visão de mundo.

Embora este roteiro seja composto de cinco questões, você poderá expressar livremente sua história, suas lembranças e suas opiniões, inclusive ignorando as perguntas. Tudo o que você tiver a acrescentar será muito bem recebido. Fique a vontade para expor seu depoimento da maneira que melhor lhe convier.

Você pode enviar sua resposta para [ldeuner2002@yahoo.com.br](mailto:ldeuner2002@yahoo.com.br)  
Obrigada desde já,  
Lilian

Sua idade:

1 Qual a importância que você dá para a leitura na sua vida? De que forma ela influencia sua vida cotidiana e seu modo de ver o mundo?

2 Conte suas primeiras lembranças sobre seu contato com livros:

3 Na sua opinião, o que ou quem foram suas influências para que você tivesse a leitura como uma forma de lazer?

4 Você tem algum livro ou tipo de livros que sejam os seus preferidos? Se tiver, quais as razões de serem os seus preferidos, e de que maneira ele ou eles influenciam sua vida?

5 Alguma vez você esteve frente a uma situação (resolução de algum problema prático, uma orientação que tenha dado a alguém ou um conflito pessoal) onde você pôde relacionar a situação com algo que você leu?